



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Educação e Literatura: saberes, cultura e leitura

Sinop, v. 10, n. 1 (26. ed.), p. 505-516, jan./jul. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

---

## PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA: a importância da oralidade na formação do aluno do ensino fundamental<sup>1</sup>

### READING AND WRITING IN A CLASSROOM: the importance of orality for the elementary school student

Vilma Alves da Costa

#### RESUMO

Este artigo aborda apontamentos sobre a importância da oralidade na formação do aluno do Ensino Fundamental. O objetivo foi investigar se as práticas educativas dos professores valorizam o trabalho com a linguagem oral dos alunos. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, com entrevistas para 8 (oito) professores que lecionam em escolas da rede pública na cidade de Sinop – Mato Grosso, especificamente do Ensino Fundamental. A pesquisa revelou por meio da análise dos dados, que há um entendimento por parte dos professores de que é fundamental a prática da oralidade em sala para a formação dos alunos e, que ela contribui efetivamente no desenvolvimento da criança quando trabalhada desde o início.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental. Linguagem. Oralidade. Práticas Educativas. Professor.

#### ABSTRACT<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA: a importância da oralidade na formação do aluno do ensino fundamental**, sob a orientação da Dra. Edneuzza Alves Trugillo, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/2.

This article deals with notes about the importance of orality in the formation of the Elementary School student. The objective was to investigate whether the educational practices of the teachers value the work with the students' oral language. The methodology used was qualitative, with interviews for teachers who teach in public schools in the city of Sinop - Mato Grosso, specifically the Elementary School. The research revealed through the analysis of the data, that there is an understanding on the part of the teachers that it is fundamental the practice of orality in the room for the formation of the students and, that it contributes effectively in the development of the child when worked from the beginning.

**Keywords:** Elementary School. Language. Orality. Educational Practices. Teacher.

Correspondência:

**Vilma Alves da Costa.** Graduanda em Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [vilmaalvesdacosta2@gmail.com](mailto:vilmaalvesdacosta2@gmail.com)

Recebido em: 09 de maio de 2019.

Aprovado em: 04 de junho de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3501/2484>

## 1 INTRODUÇÃO

A instituição escolar, conforme Cherman e Rocha-Pinto (2013), é tida como um ambiente que reúne uma diversidade de práticas coletivas que abrangem um intenso fluxo de tarefas, processos, princípios, visões, valores, cultura, informação dentre outros atributos que contribuem para que as ações sejam pensadas, repensadas, interpretadas, reinterpretadas, até alcançar seus objetivos organizacionais. Devido às dificuldades de expressão vivenciadas na escola, referente à leitura e escrita, a criança que não aprende a ler é prejudicada em seu processo de desenvolvimento na vida social e escolar, desta maneira nega-se a ela sua cidadania, seu direito a escrever sua história, tornando-se imprescindível a

---

<sup>2</sup> Resumo traduzido pela Professora Mestre Betsemens Barbosa de Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

investigação das causas de não aprendizagem nos primeiros anos escolares, para poder apropriar-se de intervenções pedagógicas necessárias.

Justifica-se a escolha por esse tema o fato pelo qual, há um número considerável de crianças matriculadas no segundo ano do Ensino Fundamental que apresentam dificuldades no desenvolvimento da oralidade e escrita. Fato esse que é de extrema importância, pois, nessa faixa etária os alunos já deveriam estar familiarizados com a escrita e a leitura, já que essas fazem parte do processo de aprendizagem tanto na escola quanto no meio social em que a criança está inserida. Portanto, foram levantados os seguintes questionamentos como tema central da pesquisa: Quais as propostas e estratégias de leitura e escrita utilizadas pelos professores? Essas propostas contribuem efetivamente nas práticas pedagógicas?

Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada uma vivência na rotina escolar de alunos pertencentes ao segundo ano do Ensino Fundamental em escolas públicas com o intuito de sob o olhar investigativo analisar como esses alunos desenvolvem sua oralidade, assim como foram realizadas entrevistas com professores, de forma que fosse verificado o entendimento dos mesmos sob quais condições relacionadas às temáticas pedagógicas utilizadas por eles contribuem para que os alunos tornem-se leitores. O questionário foi de perguntas com respostas abertas, com dois professores que lecionam no 1º e no 5º ano na rede pública da cidade de Sinop – Mato Grosso, com objetivo de averiguar se suas práticas educativas valorizam o trabalho com a linguagem oral dos alunos, além de procurarmos saber como a oralidade é trabalhada dentro da sala de aula.

Essa pesquisa ocorreu de forma qualitativa permeando no viés da análise interpretativa, descrevendo os resultados obtidos, as técnicas de coleta foram com documentação indireta, através de pesquisa bibliográfica de livros de autores como Kleiman (2002), Saviani (2010) e Magda Soares (2003).

## **2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

No decorrer da história da humanidade, a leitura, interage com a escrita, já que o ato de ler está normalmente ligado ao processo de decifrar sinais, pois no início à leitura é associada à emissão sonora do texto, conceituando ler como a transformação das marcas visuais do texto em som, buscando significados no texto

escrito, reproduzindo-os por meio da oralidade. O conceito de letramento é muito complexo e tem sido definido de muitas formas. No Brasil, tem sido debatido a partir dos anos de 1990 por pesquisadores como Soares (2003). De acordo com Magda Soares (2003, p. 14):

Dissociar alfabetização de letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema/grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

A direção da escrita bem como seu alinhamento, assim como a função de segmentação dos espaços em brancos, são conhecimentos básicos indispensáveis, que muitas crianças podem não ter tido a oportunidade de observar e identificar como combinações a serem seguidas. Por isso, esses conhecimentos precisam ser abordados metodicamente na escola (KLEIMAN, 2002). A conquista desse conhecimento básico se realiza quando a criança começa a tentar ler e escrever relacionando cada 'letra' a um 'som', cada 'som' a uma 'letra', porque entendeu que o princípio geral que regula a escrita é a correspondência entre 'som' e 'letra'. Isso significa que ela compreendeu a natureza alfabética do sistema de escrita. Na escrita do português, há pouquíssimos casos em que há apenas uma correspondência entre um grafema e um fonema (KLEIMAN, 2002).

O ato da leitura tem por princípio o conhecimento da palavra, sendo assim, o conceito de leitor pode ser visto como aquele que busca nas palavras do texto, seja ele escrito ou visual, o significado correto de cada símbolo explícito e os ajusta com aqueles que se encontram de forma implícita, podendo assim compreender as ideias lidas (CHACON, 2005).

A elaboração da noção de letramento surgiu como um novo fator a possibilitar outro significado dos modos de observação das práticas sociais de leitura e de escrita na década de 90.

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. É o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e escrever. Aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita 'própria', ou seja, é assumi-la como sua 'propriedade'. (SOARES, 2003, p.15).

Na concepção de Street (1984), há dois modelos básicos de letramento: o modelo autônomo e o ideológico. No modelo autônomo de letramento, pressupõe-se que o mero domínio das habilidades de ler e escrever são suficientes para habilitar a pessoa a resolver satisfatoriamente todas as situações postas por uma sociedade letrada.

## **2.1 O Papel da Escola**

É importante definir qual é o papel da escola em relação ao incentivar as crianças a tomarem a leitura como um hábito cotidiano e rotineiro:

O papel da escola é o de ser o ambiente adequado para que o professor possa exercer da melhor forma possível o seu papel. [...] O papel do professor é elevar os alunos do nível não elaborado, do nível do conhecimento espontâneo, de senso comum, para o nível do conhecimento científico, filosófico, capaz de compreender o mundo nas suas múltiplas relações e, portanto, passar da visão empírica, fragmentada do mundo, para uma visão concreta, articulada. (SAVIANI, 2010, p. 145).

Sabemos que as crianças vão à escola para que possam aprender a ler e escrever, e para apropriar-se do saber construído ao longo do tempo pelo homem e chegam cheias de sonhos, expectativas e conhecimentos. Nesse sentido o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil afirma que:

O desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola construir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidades. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. (BRASIL, 1998, p. 49).

Desenvolver a capacidade de expressão oral em sala de aula através de atividades que abrangem ações cotidianas relacionando-as com a fala faz com que

os alunos entendam o quanto ela, a fala, é primordial em nossas vidas, além de ser primordial para a ampliação de seus conhecimentos comunicativos, tornando-os sujeitos pensantes e capazes de expressar suas opiniões ao realizar a leitura de textos que possibilitam reflexões e conseqüentemente a análise crítica.

Dessa maneira, podemos considerar a sala de aula como um ambiente privilegiado, já que durante a exposição do conteúdo que está sendo estudado, os educadores podem exercer muito mais do que o ato pedagógico.

## **2.2 Ensino Fundamental**

De acordo com Brasil (2007), aprender a ler e escrever nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, ser inserido na cultura letrada possibilita a criança avançar na conquista de sua autonomia e sua inserção social. Portanto:

Está alfabetizado significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações. Significa ler e produzir textos para atender a diferentes propósitos. A criança alfabetizada compreende o sistema alfabético de escrita, sendo capaz de ler e escrever, com autonomia, textos de circulação social que tratem de temáticas familiares ao aprendiz. (BRASIL, 2007, p. 16).

Com essa alteração, o ensino fundamental ficou organizado em Anos Iniciais, com duração de 5(cinco) anos com ingresso aos 6 (seis) anos de idade e Anos Finais com duração de 4 (quatro) anos e ingresso aos 11 (onze) anos de idade. A nomenclatura das etapas anuais escolares, também recebeu alteração, passando de série (1<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup>) para ano (1<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup>) (BRASIL, 2006).

## **2.3 A Importância da Oralidade nos Primeiros Anos do Ensino Fundamental**

O trabalho com a oralidade adota um importante papel no processo educativo. Ao propor diferentes formas de proporcionar às crianças uma aproximação e uma maior familiaridade com a escrita e a leitura, desde a pré-escola e também nas primeiras séries, a autora Emília Ferreiro (1999, p. 47) mostra como converter a alfabetização em “uma tarefa interessante, que dá lugar a muita reflexão e a muita discussão. A língua escrita se converte num objeto de ação e não de contemplação.

É possível aproximar-se dela sem medo, porque se pode agir sobre ela, transformá-la e recriá-la”.

Nesse contexto, o educador contribui para tal desenvolvimento de capacidades de diversas maneiras, desde uma leitura realizada em voz alta precedida de comentários ou discussões dos conteúdos até mesmo quando este instiga os alunos a prestarem atenção e explicarem os ‘não ditos’ de algum texto. Sendo assim, a escola deve cumprir seu papel social de capacitação de pessoas, a mudança que provoca o interesse pelo novo, deve estar presente no objeto de ensino e nas técnicas utilizadas. Portanto, o objetivo é de ampliar a competência do aluno proporcionando novas linhas de pensamento referente à fala, a leitura e a linguística (ANTUNES, 2003).

### **3 IMPRESSÕES SOBRE A ORALIDADE NA FORMAÇÃO DO ALUNO: um diálogo com professores que lecionam no 1º e no 5º ano do ensino fundamental**

Para que fosse possível compilar as respostas dos entrevistados os mesmos foram nomeados como denominados como professor “A1” e professor “B2”. Optou-se por estes sujeitos, pois esses lidam com alunos que estão em processo de transição da infância para pré-adolescência. Foram feitas perguntas sobre como desenvolviam a prática da oralidade com seus alunos, questões relacionadas às dificuldades que os alunos apresentam na leitura e na escrita, dentre outras. As entrevistas foram realizadas em meados de outubro de 2018.

Com as entrevistas realizadas foi possível perceber que os professores, possuem conhecimento do quanto o trabalho da escrita e leitura é fundamental em uma proposta de ensino, pois contribui para a formação individual e social da criança. Ao serem questionados sobre como desenvolviam a prática da oralidade com seus alunos as respostas foram:

**(01) Professor A1:** Com situações funcionais como, por exemplo, entrar e sair dos lugares na escola, com teatro de imitação de programas, letras de músicas e muitos poemas.

**(02) Professor B2:** Através de conversação, apresentação de seminários, questionamentos através dos conteúdos e debates.

Em seguida o questionou-se: “Quais seriam, em sua opinião, as dificuldades que os alunos apresentam na leitura e na escrita?” eles informaram:

**(03) Professor A1:** São trabalhadas poucas (quase nenhuma) situações funcionais de uso da leitura e escrita de diferentes lugares. A escrita restringe a cultura escolar e fragmentada.

**(04) Professor B2:** As crianças apresentam dificuldades na leitura e na escrita por vários motivos. Um dos motivos é a semelhança das letras e o som que as letras produzem. Isso no início na escolarização, caso não for sanado é sinal de algum distúrbio de aprendizagem. Outro motivo podem ser as práticas pedagógicas utilizadas pelo professor, bem como a falta de contato com o mundo da leitura e escrita desde a infância pode influenciar.

Nesse contexto, questionamos aos professores: “As dificuldades que os alunos apresentam estariam relacionadas ao seu cotidiano?” as respostas são as que seguem:

**(05) Professor A1:** Em partes sim. Os contextos letrados interferem em sua ambiência, no entanto se há pouco letramento na vida da criança, cabe à escola oferecer cultura letrada diversificada.

**(06) Professor B2:** Acredito que sim, pois falta material de leitura de qualidade, ou seja, as crianças precisam ter contato com livros diversos, e esse acesso precisa começar em casa.

Quanto às práticas de escrita e leitura, perguntou-se: “Quais são as práticas de escrita e leitura que adotam em sala de aula?” as respostas foram diversificadas:



**(07) Professor A1:** Leitura de texto do livro didático, sempre o menor texto com alternância das atividades, sem critério pedagógico científico.

**(08) Professor B2:** Leitura individual e coletiva, porém, nessas práticas a leitura é realizada pelo professor. Ele deve assumir o papel de mediador e orientador do processo ensino – aprendizagem para que a leitura não fique na decodificação, e sim seja significativa ao aluno.

Em relação aos diferentes gêneros textuais que existem e são aplicados em sala de aula, perguntou-se: “Um dos motivos para que os alunos se tornem leitores assíduos são os diferentes gêneros textuais utilizados nas aulas?”, obtivemos como resposta:

**(09) Professor A1:** Os diferentes gêneros contribuem, mas não basta somente ofertá-los, é preciso usá-los em situações reais de circulação e saber intervir na interpretação pessoal.

**(10) Professor B2:** Sim, pois tendo contato com os diferentes gêneros conseguiremos formar bons leitores. Se a escola oferecer matérias empobrecidas no momento em que a criança está iniciando o mundo da leitura não será um bom leitor. A criança precisa ter vivência com temáticas vinculadas a sua vida cultural e social considerando sua realidade e faixa etária.

Sobre a função de leitura e escrita, perguntou-se: “Quais métodos utilizam para realizar a função de leitura e escrita com seus alunos nas atividades pedagógicas em sala de aula?”, os professores foram enfáticos:

**(11) Professor A1:** Tudo é motivo de leitura e escrita. Mas, para construir o sistema de escrita gosto muito de trabalhar com os textos que eles sabem de memória.

**(12) Professor B2:** Com textos que eles encontram no seu cotidiano, com personagens favoritos, do cartão postal de uma viagem, receita de bolo e textos que sabem de memória.

Para finalizar a entrevista, solicitamos que os professores falassem suas considerações finais a respeito das práticas de leitura e escrita em sala de aula na formação do aluno do Ensino Fundamental:

**(13) Professor A1:** Nosso maior desafio não é compreender como se ensina, ou desenvolver técnicas de ensino. O maior desafio é compreender, entender como se aprende, o que se propõe a ensinar à luz das pesquisas científica principalmente na alfabetização.

**(14) Professor B2:** O trabalho com leitura e escrita em sala de aula é de suma importância para formar bons leitores. Os professores precisam apresentar aos alunos textos variados, com função social, procurando despertar o interesse pela leitura. Hoje, infelizmente, ao observarmos as competências e as habilidades adquiridas pelos alunos, entendemos que a realidade é muito distante daquela exigida para os respectivos níveis escolares.

Ao realizar as entrevistas com os educadores também foi possível observar como esses trabalhavam em sala de aula a questão da oralidade com seus alunos. Para motivá-los, normalmente, 'deixam falar' e também tentam organizar a ordem da fala, mas não ensinavam a falar em diferentes contextos sociais. Algumas das dificuldades apresentadas pelos alunos e na leitura e na escrita estão relacionadas ao seu cotidiano, isso porque as práticas não auxiliam como se aprende o conteúdo. Por esse motivo, os professores adotam algumas práticas tais como a leitura silábica, a leitura de textos escolares e a escrita de palavras com a inicial igual.

Analisando a função da leitura e da escrita nas propostas pedagógicas desenvolvidas com os alunos observados, percebe-se que a leitura continua sendo como função escolar somente e há pouca probabilidade de leitura por prazer com função social. O que pode ser reafirmado nas palavras de Feil (2004, p. 44):

É importante que os textos das crianças possam servir de subsídio para novas descobertas, novas situações de aprendizagens e novas construções. Saber ler, nesta visão, é ir além da interpretação literal, sabendo relacionar o lido com experiências vividas, ouvidas, presenciadas e/ou ainda, com outras leituras. Saber ler é saber recriar o lido em outras

atividades, sejam descritas (é registro, é memória), de jogo lúdico e cênico, de artes plásticas, de fixação de letras, sílabas, ortografia, etc.

Considerando as pesquisas realizadas, a análise dos dados e a observação, percebe-se que é possível realizar a alfabetização e o letramento, desde que levemos em consideração os sujeitos da aprendizagem como sujeitos de direitos e deveres, identificando-as na sociedade escolar.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A oralidade da criança tem que ser trabalhada desde o início de sua vida, e na escola esse fator é determinante, por esse motivo é primordial que o educador tenha profissionalismo e disposição para trabalhar a leitura e a escrita dos alunos. Entretanto, é imprescindível que elas tenham contato com livros e materiais diversos de leituras, e esse acesso ao conhecimento deve começar em casa. Dessa maneira, se faz necessário saber que a oralidade é um processo dinâmico, que se desenvolve a medida que o aluno tem contato com situações significativas e interativas, sendo assim, precisa ser trabalhada sistematicamente para que haja um desempenho eficaz.

Através da entrevista realizada com os professores e da observação no ensino fundamental, evidenciou-se que o processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita é considerado de suma importância. Os educadores evidenciaram pontos positivos que contribuem efetivamente no desenvolvimento da criança quando se trabalha a oralidade desde o início.

Portanto, ao finalizar essa pesquisa, concluiu-se que para as crianças serem alfabetizadas e conseqüentemente ganhar mais conhecimento, é necessário que os professores criem métodos, estratégias e vivências com temáticas vinculadas à sua vida cultural e social não deixando de levar em consideração sua realidade e faixa etária.

#### **REFERÊNCIAS**

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 3.

CHACON, Lourenço. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e letramento. **Estudos linguísticos**, Campinas, v. 34, p. 77-86, 2005. Disponível em:

<http://repertorium.marilia.unesp.br:8180/bitstream/handle/123456789/37/Hipersegme ntacoesnaescritainfantil.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CHERMAN, A.; ROCHA-PINTO, S. R. Valoração do conhecimento: significação e identidade na ação organizacional. **RAE**, v. 53, n. 2, p. 142-155, 2013.

FEIL, Iselda T. Sausen. **Alfabetização: um diálogo de experiências**. 2. ed. rev. e ampl. –Ijuí: Unijui, 2004.136 p

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102 p. v2.

KLEIMAN, Ângela B. Oralidade letrada e competência comunicativa: implicações para a construção da escrita em sala de aula. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 23-38, 2. sem. 2002.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2010.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.